



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**O GÊNERO TEXTUAL FOLHETO PUBLICITÁRIO E O ENSINO DA LÍNGUA ÁRABE**

**Caroline de Cássia Victoriano Figueiredo**

**Rio de Janeiro - RJ**

2022

CAROLINE DE CÁSSIA VICTORIANO FIGUEIREDO

O GÊNERO TEXTUAL FOLHETO PUBLICITÁRIO E O ENSINO DA LÍNGUA ÁRABE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras Português-Árabe.

Orientador: Profa. Doutora Bianca Graziela Souza  
Gomes da Silva

RIO DE JANEIRO - RJ

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

FIGUEIREDO, Caroline de Cássia Victoriano.

O gênero textual folheto publicitário e o ensino da língua árabe /  
Caroline de Cássia Victoriano Figueiredo – Rio de Janeiro: UFRJ/  
Faculdade de Letras, 2022. f. 43

Orientadora: Bianca Graziela Souza Gomes da Silva

Monografia graduação em Letras Português-Árabe – Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de  
Letras Bibliográfica: f. ?

1. Língua Árabe. 2. Gêneros textuais. 3. Folheto publicitário. 4.

Ensino. I. FIGUEIREDO, Caroline de Cássia Victoriano. II.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2022,  
III O gênero textual folheto publicitário e o ensino da língua árabe.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

CAROLINE DE CÁSSIA VICTORIANO FIGUEIREDO  
DRE:115096091

O GÊNERO TEXTUAL FOLHETO PUBLICITÁRIO E O ENSINO DA LÍNGUA ÁRABE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português-Árabe.

Data da avaliação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
NOTA: \_\_\_\_\_

Profª Drª Bianca Graziela Souza Gomes da Silva – Presidente da Banca Examinadora

Faculdade de Letras/ UFRJ

\_\_\_\_\_  
NOTA: \_\_\_\_\_

Profª Drª Paula Caffaro da Costa – Leitora Crítica

Faculdade de Letras/UFRJ

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinatura dos avaliadores:

---

---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por me conceder a minha vida, família e amigos. Ele É o Ser essencial no meu caminho, Autor do meu destino, meu guia. Ele me deu saúde e forças para superar as dificuldades. Sem Ele nada seria possível.

Agradeço à minha família e aos meus pais, Jorge e Katia, pela compreensão, paciência, amor, ajuda financeira, apoio incondicional em todos os momentos e por sempre acreditarem em mim.

Agradeço às minhas amigas da faculdade, Lídia, Suzana, Mariana, Camila e Andressa, por estarem sempre ao meu lado me apoiando e me incentivando nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Vocês, meninas, foram meu porto seguro e fizeram os dias na Universidade serem bem mais leves; obrigada a Deus por colocar vocês na minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bianca Graziela S. Gomes da Silva, por me proporcionar essa pesquisa e me orientar a escrever essa monografia. Obrigada pela paciência, dedicação e apoio.

**RESUMO:**

O trabalho é uma reflexão sobre o uso de gêneros textuais no ensino de língua árabe, em particular, o folheto publicitário. Considerando as dificuldades pela escassez de materiais que representem gênero textual autêntico e que sejam adequados à fase de aquisição das estruturas básicas do árabe ensinadas no primeiro ano de estudo, propôs-se a utilização dos folhetos de publicidade, considerando que seriam um material relevante para ser utilizado neste período inicial de aprendizagem. Partiu-se de uma verificação que observou se os estudantes conseguiam identificar nos textos as estruturas linguísticas que já tinham aprendido a fim de se testar a eficácia do material como complemento do livro didático adotado para o estudo da língua. Aplicou-se uma atividade de leitura utilizando folhetos publicitários do Egito para alunos do primeiro ano da Graduação da Faculdade de Letras. O resultado da atividade com os folhetos publicitários mostrou-se eficaz, pois contribuiu para ampliar a compreensão da língua árabe e fazer os alunos capazes de utilizar o gênero como modelo para uma produção textual, pelo fato de ser um texto pequeno, com vocabulário simples, tornando-o capaz de auxiliar no ensino do idioma em questão.

**Palavras-chave:** Língua árabe. Gêneros textuais. Folheto publicitário. Ensino de árabe

**ABSTRACT:**

The work is a reflection on the use of textual genres in Arabic language teaching, in particular the advertising leaflet. Considering the difficulties due to the scarcity of materials that represent authentic textual genres and that are suitable for the acquisition phase of the basic structures of Arabic taught in the first year of study, it is proposed the use of

advertising leaflets, considering that they would be a relevant material to be used in this initial period of learning. It was based on an examination of whether the students could identify in the texts the language structures they had already learned in order to test the effectiveness of the material as a complement to the textbook adopted for language study. A reading activity was applied using advertising leaflets from Egypt to first year undergraduate students of the Faculty of Letters. The result of the advertising leaflet activity proved to be effective, as it contributes to broadening the understanding of the Arabic language and making students capable of using the genre as a model for a textual production, because it is a small text with simple vocabulary, and that this genre is able to assist in the teaching of the Arabic language.

**Keywords:** Arabic language. Textual genres. Advertising leaflet. Arabic teaching

## Sumário

### INTRODUÇÃO

8

### CAPÍTULO 1 – O ÁRABE E SEU ENSINO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA -----10

1.1 A LÍNGUA ÁRABE \_\_\_\_\_ 11

1.2. O ENSINO DA LÍNGUA ÁRABE \_\_\_\_\_ 11

1.2.1. O alfabeto árabe \_\_\_\_\_ 12

1.2.2. As consoantes \_\_\_\_\_ 13

1.2.3. Tipos de vogais \_\_\_\_\_ 14

1.3 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO ENSINO DA LÍNGUA ÁRABE NO BRASIL  
\_\_\_\_\_ 17

### CAPÍTULO 2 – OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUAS \_\_\_\_\_ 21

2.1. TIPOS DE GÊNERO TEXTUAIS \_\_\_\_\_ 21

2.1.1. Texto narrativo \_\_\_\_\_ 21

2.1.2. texto descritivo \_\_\_\_\_ 22

2.1.3. Texto Dissertativo-Argumentativo \_\_\_\_\_ 22

2.1.4. Texto Expositivo \_\_\_\_\_ 23

2.1.5. Texto Injuntivo _____	23
2.1.6. Gênero Textual e Ensino _____	23
2.1.7. A importância de ensinar através de um gênero textual _____	26
2.2. O GÊNERO TEXTUAL EM FOLHETO PUBLICITÁRIO _____	28
2.2.1. Folheto: definição e características _____	28
2.2.2. A relação gênero textual folheto publicitário no ensino _____	29
2.2.3 O gênero textual folheto e sua influência no ensino da língua árabe _____	30

<b>CAPÍTULO 3 – UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE LÍNGUA ÁRABE POR MEIO DO GÊNERO FOLHETO _____</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS _____</b>	<b>41</b>
<b>BIBLIOGRAFIA _____</b>	<b>43</b>



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe apresentar uma estratégia de ensino da língua árabe por meio de gêneros textuais publicitários. O árabe é uma língua semítica de estrutura bastante distinta do português. Ensinar esse idioma sempre se constitui em um desafio, sobretudo, no que diz respeito aos primeiros períodos de estudo, nos quais é necessário alfabetizar o estudante e lidar com a apresentação dessa cultura muito pouco difundida no Ocidente.

Dessa maneira, uma das dificuldades para o ensino é a escassez de materiais que representem gênero textual autêntico e que sejam adequados à fase de aquisição das estruturas básicas do árabe ensinadas no primeiro ano de estudo. Assim, teve-se como hipótese norteadora da pesquisa que os folhetos publicitários seriam um material relevante para serem utilizados no (s) primeiro (s) ano (s) de ensino da língua árabe, considerando a perspectiva de Carvalho (1993; p. 117) de que

“Os materiais autênticos, que são documentos escritos ou orais produzidos por autóctones para autóctones, facultam esse contato com a língua e a cultura. Eles abrangem uma diversidade de temas, uma variedade de textos e diferentes níveis de língua; permitem, ainda, o alargamento do vocabulário e a revisão ou aprendizagem de estruturas gramaticais”.

Para além disso, em muitos folhetos de publicidade, a linguagem utilizada privilegia estruturas mais simples, com frases curtas e vocabulário corrente. Soma-se, ainda, o uso de estrangeirismos que, no caso do árabe, facilitará a leitura do estudante na fase de alfabetização.

Deseja-se verificar se os alunos conseguem identificar nos textos as estruturas linguísticas que já tenham aprendido a fim de se testar a eficiência desse material como complemento do livro didático adotado para o estudo da língua. Para isso, aplicou-se uma atividade de leitura utilizando folhetos publicitários do Egito a alunos do primeiro período da Graduação da Faculdade de Letras, dos cursos de Bacharelado e Licenciatura Português-Árabe.

A escolha do objetivo de pesquisa se justifica na ausência de material árabe em língua portuguesa e a escassez de materiais que explorem os gêneros textuais. Observamos que

grande parte do material didático da língua árabe é escrito em inglês e não faz uso de variados gêneros textuais, como afirma a professora da USP, Mona M. Hawi<sup>1</sup>, ao discorrer sobre a necessidade da elaboração de materiais didáticos para o ensino de língua árabe sob a perspectiva de gêneros discursivos. A autora comenta sobre a lacuna de material que põe em foco o ensino da língua estrangeira a partir do gênero discursivo, e propõe a produção de um material didático não apenas estrutural, mas condizente aos aspectos históricos, sociais e culturais.

Para desenvolver essa pesquisa, apoiou-se na perspectiva bakhtiniana de gêneros discursivos.

Propõe-se então, que o gênero textual publicitário (que é um gênero discursivo inserido em situações concretas de uso, em específico, o folheto publicitário), pode contribuir para explorar o senso de identificação e familiaridade dos termos já vistos pelos alunos, uma vez que, quando o texto verbal não for suficiente para apresentar a riqueza cultural, o folheto possa ser vinculado a fim de transmitir tal pluralidade e alcançar o objetivo inicial.

---

<sup>1</sup> In: VARGENS, João B.; CAFFARO, Paula C. **Arabismo - Um tema e suas representações no Brasil e em Portugal**. Rio Bonito (RJ): Almádena, 2010.

## **CAPÍTULO 1 – O ÁRABE E SEU ENSINO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

O árabe é uma língua semítica, que significa pertencer a um grupo de línguas da família afro-asiática (hebraico, aramaico, assírio, árabe, maltês, etc.), faladas do Norte de África ao Sudoeste da Ásia.

Hoje, existem mais de 300 milhões de falantes de árabe em todo o mundo. É também a língua nacional de mais de 23 países árabes e é uma das seis línguas oficiais utilizadas pelas Nações Unidas. Essa grandiosidade constitui-se também por ser a língua sagrada do Islã, atualmente a segunda maior religião do mundo.

Do ponto de vista cultural, o árabe contribuiu imensamente para as grandes civilizações do Oriente Médio e do Ocidente (SOUSA, 2020, s. p.). Ao decidir aprender o idioma, o aluno opta por entrar em contato com uma língua imensamente rica:

- A primeira língua usada no mundo árabe e a segunda língua que os muçulmanos aprendem também;
- Uma porta aberta para a cultura árabe e muçulmana;
- Oportunidade de descobrir o vasto património religioso, arquitetônico, científico e humanitário que inspirou muitas civilizações ao redor do mundo.

Aprender a falar árabe não apenas ajuda a desenvolver habilidades pessoais, como concentração e curiosidade intelectual, mas também ajuda a se abrir para os outros, na fala da professora Camila, em seu trabalho sobre razões didáticas para fazer aula de língua árabe (CAMILA, 2018, s. p.)<sup>2</sup>. Ensinar esse idioma sempre se constitui em um desafio, sobretudo, no que diz respeito aos primeiros períodos de estudo, nos quais é necessário alfabetizar o estudante e lidar com a apresentação dessa cultura muito pouco difundida no Ocidente.

---

<sup>2</sup> **Razões didáticas para fazer aula da língua das arábias.** 19/11/2018. Disponível em: <https://www.superprof.com.br/blog/motivos-educacionais-assimilar-idioma-arabico/>. Acesso em 20 de set. 2022.

Embora a maioria das pessoas opte por aprender idiomas como inglês, espanhol, francês ou italiano, fazer aulas de árabe (...) pode ser um verdadeiro trunfo para sua carreira educacional e, posteriormente, profissional. Tudo depende de seus projetos, seus interesses e sua capacidade de trabalhar e se concentrar, porque aprender a falar, ler e escrever em árabe é um investimento de médio e longo prazo. (CAMILA, 2018, s. p.)

Aprender qualquer língua estrangeira exige dedicação, disciplina e estudo intenso. Há quem diga que o árabe é complexo, quase incompreensível, porém, aprender árabe como língua estrangeira é um processo semelhante ao aprendizado de qualquer outro idioma.

A linguagem é aprendida por meio de enunciados concretos e aprender uma língua é aprender a estruturá-los. Na escrita, a aprendizagem costuma estar concentrada nas formas e nos gêneros. Na prática, aprende-se a se expressar utilizando diferentes gêneros além de se aprender as regras gramaticais da língua. Cabe ao professor sistematizar esse conhecimento e tornar o aluno consciente desse processo através do ensino de gêneros e da produção de textos. (ALVARENGA, 2015, Pag).

O árabe é um idioma muito distante do português, por inúmeros aspectos: tem sua escrita e leitura da direita para a esquerda; não apresenta oposição entre letras maiúsculas e minúsculas e a fonética é totalmente diferente do português, o que torna ainda mais desafiador ensiná-lo, pois, os alunos não encontram contexto de uso no seu dia a dia. Mas, como todo outro idioma, apresenta uma lista de vocábulos que podem ser facilmente memorizados, com a finalidade de serem usados no cotidiano. Para quem quer trabalhar no comércio, no turismo ou no ensino, a língua árabe pode abrir novos horizontes.

O mundo árabe é muito grande e inclui países econômicos, financeiros e geopoliticamente importantes, como: Argélia, Egito, Tunísia, Marrocos, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Apanhar, Irã, Iraque, Arábia Saudita e muitos outros. Esses países mudam o tempo todo. E, certamente, podem ser fonte de trabalho para os egressos dos cursos de árabe alvo dessa pesquisa.

### **1.1. A Língua árabe.**

O árabe é falado em uma variedade de dialetos, do marroquino ao iraquiano. É considerado uma língua sagrada entre os muçulmanos, assim como o Alcorão foi desvendado.

A partir de 622 d.C., ano da Hégira (quando Maomé fugiu de Meca e se refugiou em Medina, marcando o início do calendário muçulmano), o árabe se converteu na língua viva mais difundida dentro do tronco das línguas semíticas. Hoje, aproximadamente 150 milhões de pessoas a consideram sua língua materna. Existem duas variantes: árabe clássico e popular. Clássica é a língua sagrada do Islão e nasceu na antiga tradição da literatura oral dos nômades pré-islâmicos. (SOUSA, 2020, s. p.)

O Alcorão foi adotado como a língua árabe clássica, e é nessa língua que as pessoas cultuam nas mesquitas. De acordo com suas crenças, repetem em voz alta longas suras que o Arcanjo Gabriel ensinou a Muhammad. O árabe é falado em conversas e na mídia. (CAMILA, 2018, s. p.)

O sistema fonético possui 28 consoantes e 3 vogais com sons longos e curtos. A escrita árabe vem da língua aramaica. Escreve-se da direita para a esquerda e lida-se com o livro de trás para frente, considerando a perspectiva Ocidental. Baseia-se em 18 dígitos diferentes que variam de acordo com o caractere.

As 28 consoantes são formadas combinando os pontos acima e abaixo desses números. Vários termos árabes foram assimilados pelos povos conquistados, como aconteceu em Portugal durante a Idade Média. Algumas dessas palavras incluem toca, quilate, canal, grão, guarda e todas as palavras que começam com al e el, como algodão, costumes, álcalis e alcalóides. cargos políticos - o prefeito, prefeito e xeque - e nomes de lugares como Almería e Zaragoza também vêm do árabe. (SOUSA, 2020, s. p.)

### **1.2. O ensino da língua árabe.**

De acordo com Haywood e Nahmad (1965, p.1) citados em Teixeira (2006), o árabe é dividido em:

- **Árabe clássico:** a língua do Alcorão na poesia pré-islâmica e utilizada por escritores da época centro. É falado por árabes na vida cotidiana, na administração, na cultura e na ciência. Segundo Bernal (1988), os anos de 1257 a 1800 marcaram seu declínio: gradualmente o árabe deu lugar a outras línguas (por exemplo, castelhano em al-Andalus), até quase desaparecer em algumas áreas do mundo islâmico. Mais tarde, alguns países muçulmanos, como Pérsia e Índia, no entanto, conservaram palavras de origem árabe em seu vocabulário e caracteres árabes por escrito.
- **Árabe Literário Contemporâneo:** Esta é uma linguagem escrita única ensinada nas escolas usada na mídia, nas universidades e em eventos públicos em todo o mundo árabe. Designação para Literatura Árabe, o árabe moderno, o neoárabe, etc., mas a linguagem moderna não é muito diferente da linguagem clássica. Gramática, forma e fraseado receberam muitas inovações, algumas das quais, inevitavelmente, se originaram da Europa. O vocabulário também revela muita modernidade. Era preciso criar termos que traduzem objetos e conceitos até então desconhecidos. Este esforço de adaptação foi realizado com sucesso a partir de raízes antigas. Assim, a nova palavra teve um ancestral glorificado. No entanto, hoje existem vários termos de origem europeia que não puderam ter sido derivados de raízes árabes ou que concorreram vantajosamente com neologismos árabes. (CAMILO-ALVES, 1997, p.66)
- **Árabe moderno ou língua falada.** O árabe falado ou coloquial tem vários dialetos regionais e nenhuma tradição escrita. Esses dialetos diferem do árabe escrito e uns dos outros na pronúncia, léxico e gramática, e geralmente são rotulados de acordo com sua área geográfica. Haywood e Nahmad (1965) dividem essas regiões em Egito (Baixo Egito), Sudão e Estrepitante Egito, Magreb (compreendendo Tunísia, Argélia e Marrocos), erguendo (Síria e Líbano), Iraque e Península Arábica.

Para simplificar, o árabe coloquial é dividido em áreas geográficas, cada uma com suas peculiaridades; mas em todas as áreas há uma notável diversidade de subdialetos. No entanto, todos os principais dialetos compartilham certas características e tendências e raramente são completamente incompreensíveis um para o outro. (HAYWOOD E NAHMAD, 1965, p. 496 e 497).

Apesar dos vários termos do léxico (literário, moderno, neoárabe), o árabe não apresenta nenhuma diferença significativa em relação à linguagem dos livros sagrados, principalmente quando se trata de termos clássicos ou literários para a mesma forma do árabe, escritos em árabe (TEIXEIRA, 2006, p.7).

## 1.2. O alfabeto árabe.

O alfabeto árabe (em árabe: أبجدية عربية) é o principal alfabeto usado para referir a língua árabe, é considerado o segundo sistema de escrita alfabética mais utilizado no mundo depois do alfabeto latino. ( Encyclopædia Britannica online). Até 1923, era usado também para escrever turco (BATALHA, 2012), quando foi substituído pelo alfabeto latino. Antes dessa mudança de alfabeto, o Alcorão, o livro sagrado do Islã, foi a grande difusão dessa escrita em alfabeto árabe, que tem a escrita da direita para esquerda e também foi um influenciador do alfabeto hebraico que possui essa característica na escrita.

Por exemplo, a palavra *peixe* em árabe é "samak", mas está escrita no alfabeto árabe e apenas as letras que correspondem no alfabeto latino a S, M e K. São escritas assim: "smk" سمك Isso faz com que seja difícil conhecer as vogais sem conhecer a palavra, a menos que os símbolos que indicam as vogais estejam presentes na escrita.

As línguas não afro-asiáticas que usam a escrita árabe (por exemplo, as línguas turcas) têm um sistema de vogais mais rico que o árabe (por exemplo, 9 vogais diferentes na língua cazaque), por isso é necessário usar outros mecanismos para figurar as vogais. Essas línguas desenvolveram outros sons vocálicos, não encontrados em árabe e/ou usaram certas consoantes da escrita árabe para representar vogais.

O alfabeto árabe é derivado da escrita aramaica. (Há algum debate acadêmico sobre a origem do nabateu ou siríaco), de modo que pode ser comparado à semelhança entre a escrita copta ou cirílica e a grega. Tradicionalmente, há alguma diferença entre as versões ocidental (magrebina) e oriental do alfabeto. Por exemplo, em Marrocos, as letras *fa* e *kaf* têm pontos abaixo e acima, respectivamente. A ordem das letras também é visivelmente diferente (pelo menos quando colocadas como números). No entanto, a variante norte-africana foi abandonada, exceto no uso caligráfico no próprio Magrebe,

permanecendo nas escolas corânicas (Azoia) da África Ocidental. As palavras árabes são escritas da direita para a esquerda (BATALHA, 2012), enquanto os algarismos arábicos são escritos da esquerda para a direita. (O ÁRABE, 2012)

### 1.2.2. As consoantes.

Riloba (1973?) argumenta que nem todas as consoantes do alfabeto árabe são faladas da mesma forma em todo o mundo árabe: das 28 letras do alfabeto, 21 são faladas da mesma forma em todos os países árabes e as sete restantes são faladas em diferentes regiões. Existem pronúncias muito diferentes.

Não há consenso quanto à fonética em relação à categorização dos fonemas consonantais no árabe clássico. Vargens (1999, p. 22) aponta que isso ocorre porque o árabe padrão é principalmente uma língua escrita, o que dificulta a descrição fonética dos sons com precisão, e acrescenta que as diferenças não são significativas porque não encontram isso na fonética. Mostra-se, a seguir, o quadro com as letras do alfabeto árabe e a representação fonética:

Figura 1 – Alfabeto Árabe



IPA	Value	Name	Final	Medial	Initial	Isolated	IPA	Value	Name	Final	Medial	Initial	Isolated
[d̥]	d	dād	ض	ض	ض	ض	[ʔ]	'(a)	alif	ا	-	-	ا
[t̥]	t̥	tā'	ط	ط	ط	ط	[b]	b	bā'	ب	ب	ب	ب
[z]	z	zā'	ظ	ظ	ظ	ظ	[t]	t	tā'	ت	ت	ت	ت
[ʕ]	'	'ayn	ع	ع	ع	ع	[θ]	th	thā'	ث	ث	ث	ث
[ɣ]	gh	ghayn	غ	غ	غ	غ	[ʒ]	j	jīm	ج	ج	ج	ج
[f]	f	fā'	ف	ف	ف	ف	[ħ]	h	hā'	ح	ح	ح	ح
[q]	q	qāf	ق	ق	ق	ق	[x]	kh	khā'	خ	خ	خ	خ
[k]	k	kāf	ك	ك	ك	ك	[d]	d	dāl	د	-	-	د
[l]	l	lām	ل	ل	ل	ل	[ð]	dh	dhāl	ذ	-	-	ذ
[m]	m	mīm	م	م	م	م	[r]	r	rā'	ر	-	-	ر
[n]	n	nūn	ن	ن	ن	ن	[z]	z	zāy	ز	-	-	ز
[h]	h	hā'	ه	ه	ه	ه	[s]	s	sīn	س	س	س	س
[w]	w	wāw	و	-	-	و	[ʃ]	š	shīn	ش	ش	ش	ش
[j]	y	yā'	ي	ي	ي	ي	[s̥]	s̥	sād	ص	ص	ص	ص

Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Arabic\\_alphabet](https://en.wikipedia.org/wiki/Arabic_alphabet)

### 1.2.3. Tipos de vogais

No idioma árabe, há dois tipos de vogais: vogais longas e vogais breves. As vogais longas são as três vogais do alfabeto, identificadas na transliteração com um traço sobreposto nas letras. As vogais são: ا ('ālif) = ā, و (ūāū) = ū e ي (īā') = ī. As vogais breves são sinais colocados sobre ou sob as letras. Os sinais são: َ (fatHa) = a ُ (damma) = u e ِ (kasra) = i. Os sinais só aparecem no árabe clássico (DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ÁRABE). As letras são divididas em solares e lunares:

- **Solares:** São letras que pertencem ao grupo da letra ش (shīn), que inicia a palavra شمس (shams), que em português, significa *sol*. Quando o artigo definido ال (āl, junção de 'ālif + lām) precede as letras solares, o ل "lam" não é pronunciado, mas é escrito e assimila-se à letra solar seguinte, ou seja, transforma-se em consoante, a mesma que inicia o vocabulário que o ل precede. As letras são:

ت	ث	د	ذ	ر	ز	س	ش	ص	ض	ط	ظ	ل	ن
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

tā'	thā'	dāl	dhāl	rā'	zāī	sīn	chīn	Sād	Dād	Tah	Zah	lām	nūn
-----	------	-----	------	-----	-----	-----	------	-----	-----	-----	-----	-----	-----

- **Lunares:** São letras que pertencem ao grupo da letra ق “qaf”, que inicia a palavra قمر “qamar”, que significa *lua*. Nas letras lunares, o ل “lam” é escrito e pronunciado. As letras lunares são:

ا	ب	ج	ح	خ	ع	غ	ف	ق	ك	م	ه	و	ي
'ālif	bā'	jīm	Hā'	khā'	'aīn	ghāī n	fā'	qāf	kāf	mīm	hā'	ūāū	tā'

O alfabeto árabe é utilizado por idiomas como: línguas afro-asiáticas: árabe, e outras; línguas indo-europeias: persa, urdu, pastó e tadjique (está, coexistindo com o alfabeto cirílico, e mais recentemente, com o alfabeto latino); e línguas altaicas, como cazaque, uigur, quirguiz, uzbeke (estas, coexistindo com o alfabeto cirílico) e outras. As que já utilizaram e não utilizam mais são: albanês, atualmente usa o alfabeto latino; servo-croata (na Bósnia) - atualmente usa o alfabeto latino; e turco - atualmente usa o alfabeto latino.

#### 1.2.3.1. Teclado

Para o ensino de língua árabe, o professor precisa lidar com essas informações de escrita assim como com as questões das tecnologias, por exemplo, a escolha de teclados de alfabeto árabe com suas variações. Teclados projetados para diferentes nações têm layouts diferentes e a proficiência em um estilo de teclado, como o do Iraque, não se transfere a proficiência em outro teclado, como da Arábia Saudita. As diferenças podem incluir a localização de caracteres não alfabéticos.

Todos os teclados árabes permitem digitar caracteres romanos, como por exemplo, uma URL de um navegador. Assim, cada teclado árabe tem dois caracteres arábicos e romanos marcados nas teclas. Normalmente, os caracteres romanos de um teclado árabe

estão em conformidade com o layout QWERTY, mas no Norte da África, onde o francês é a língua mais comum, sendo digitada utilizando caracteres romanos, os teclados árabes são teclados AZERTY.

Quando queremos codificar uma forma particular de escrita de um caractere, existem códigos extra em Unicode que podem ser utilizados para expressar a forma exata da escrita desejada. A faixa de apresentação da forma árabe A (U+FB50 para U+FDFF) contém as ligaduras, enquanto a faixa de apresentação da forma árabe B (U+FE70 para U+FEFF) contém as variantes posicionais. Estes efeitos são melhor alcançados em Unicode usando o *Zero-width joiner* e o *Zero-width non-joiner*, uma vez que estas formas de apresentação são desaprovadas no Unicode, e geralmente deve ser usado somente dentro do software de processamento de texto, quando se utiliza Unicode como uma forma intermediária para a conversão entre codificações de caracteres ou para manter a compatibilidade com as implementações que dependem do disfarce do código de formas pictográficas.

Finalmente, a codificação Unicode do árabe está em ordem lógica, isto é, os caracteres são inseridos e armazenados na memória do computador na ordem em que eles são escritos e pronunciados sem se preocupar com a direção na qual eles serão exibidos em papel ou na tela. Novamente, é deixada para o motor de renderização para apresentar os caracteres na direção correta, usando características de texto bi-direcional em Unicode. A este respeito, se as palavras árabes nesta página são escritas da esquerda para a direita, é uma indicação de que o motor de renderização Unicode usado para exibi-las está fora de moda. (TEIXEIRA, 2006, p.13). Apresente-se, a seguir, alguns modelos de teclado:

Figura 2 - Layout de teclado árabe do Mac

-	!	@	#	\$	%	^	&	*	(	)	-	=	←
1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	.	,	/	Backspace
Tab	ض	ص	ث	ق	ف	غ	ع	هـ	خ	ح	ج	ة	
Caps Lock	«	»	ي	ب	ل	أ	ت	ن	م	ك	؛	!	Enter
Shift	ظ	ط	ذ	د	ز	ر	و	فـ	<	>	؟	Shift	
Ctrl	Alt	Cmd Key							Cmd Key	Alt	Ctrl		

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_%C3%A1rabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_%C3%A1rabe)

Figura 2 - Layout de teclado árabe do Windows



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_%C3%A1rabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_%C3%A1rabe)

Figura 3 - Teclado árabe imposto a um layout de teclado QWERTY



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_%C3%A1rabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_%C3%A1rabe)

Considerando que os materiais como avaliações são produzidas no computador, além das várias fontes de letras com as quais os alunos se deparam no uso dos materiais autênticos, a diversidade de teclados de alfabeto árabe também é um aspecto relevante para se considerar na prática de ensino do idioma.

### 1.3. As dificuldades encontradas no Ensino da Língua Árabe no Brasil.

Há também problemas que dificultam o ensino da língua árabe no Brasil. A falta de materiais didáticos em português é um deles, o que acaba se tornando um obstáculo para os alunos. Os materiais aplicados, em sua maioria, são principalmente em francês ou inglês, como os livros adotados pelo curso de árabe da pós-graduação da universidade de Letras da UFRJ e da USP. No artigo “Problemas de aprendizagem na Língua Árabe: um estudo de tendências”, as autoras Silva & Prado (2018) investigaram questões que podem gerar

problemas ou dificuldades na aquisição da língua, como comentam: Ao longo de muitos anos, vêm-se discutindo as inúmeras estratégias para consolidação do ensino de línguas estrangeiras e, no que diz respeito à língua árabe, o desafio dessa prática sempre parecia ser superior às ferramentas propostas e discutidas nesse campo de pesquisa. Assim, tem se pensado como as várias estratégias já estabelecidas podem ser aproveitadas no ensino do árabe, levando-se em consideração os problemas na aprendizagem desse idioma tão distante do português. (SILVA & PRADO, 2018, p. 105).

Um dos problemas mais comuns que as autoras apontam é a divisão de timbres e letras, letras maiúsculas, letras maiúsculas ou sílabas em um dialeto. Os alunos geralmente interpretam os caracteres árabes como imagens ou rabiscos. Há confusão sobre as várias formas que uma letra pode assumir em relação à sua posição, iniciais, meio e fim, além de não haver correspondência entre os timbres específicos da língua e o inglês, português ou outras línguas latinas.

Segundo Teixeira (2006) sistematizou: o árabe é redigido da direita para a esquerda e seu alfabeto é composto por 28 letras, no qual não há conflito entre letras maiúsculas e minúsculas, assim como entre letras manuscritas e de máquina. A maioria (vinte e dois) está encadeada em estilo cursivo, que: "é caracterizada pelo fato de as letras estarem encadeadas e de haver ataduras entre elas", apresentando assim de duas a quatro formas, dependendo de estarem encadeadas ou não. ao pé da letra antes, depois ou estão isolados. (Teixeira, 2006, p. 29-30)

Nota-se também, por um lado, que há carência de infraestrutura para o ensino de línguas, como laboratórios prontos para atender as necessidades dos alunos. Todos esses problemas foram exacerbados e distanciaram ainda mais os alunos do estudo do árabe. Na situação atual, acima de tudo, é necessário refletir sobre as lições de árabe. Em um momento em que as instituições geralmente estão se adaptando às necessidades pontuais de ensino à distância devido à pandemia e à isolamento social, que dificulta as aulas presenciais, problemas como materiais didáticos para a educação árabe parecem estar se agravando, e a necessidade de ensino à distância está aumentando. Professores e alunos têm trabalhado juntos para encontrar formas de atingir os objetivos de ensino-aprendizagem dessa língua.

Por exemplo, Silva & Prado (2018, p.108) discutem as dificuldades em trabalhar com os alunos os sons da língua árabe, considerando a necessidade de tempo e esforço para uma reprodução adequada, “principalmente quando não há nenhum parâmetro como exemplo”. Muitos fonemas árabes não são expressos em português, e sobre as dificuldades que esses problemas podem causar. As autoras discutiam acerca da disponibilização de materiais didáticos (mais comuns em inglês, espanhol, francês e outras línguas latinas) o que dificultava/dificulta a aprendizagem por meio de mecanismos sociais fora da sala de aula. Os materiais existentes na internet são limitados, já que muitos, quando são para fins de ensino, estão transliterados (na tentativa de ‘facilitar’ o aprendizado dos falantes não-nativos), o que ocasiona, posteriormente, uma assimilação comprometida dos fonemas. (SILVA & PRADO, 2018, p.108).

Ao considerar a utilização de recursos para ensino à distância, como o Google sala de aula, a simples postagem de materiais como vídeos da web, links para determinado conteúdo, etc. pode não ser uma estratégia fácil para os professores de árabe, pois certamente colidirá com a realidade relatada pelas autoras. Assim, o desafio de ensinar árabe deve ser enfrentado novamente e recursos devem ser buscados para superar as dificuldades. Uma aula por exemplo, de forma síncrona, utilizando ferramentas digitais como ZOOM e Meet como recursos, certamente exigirá que o professor de árabe preste atenção na pronúncia dos fonemas árabes; no caso de outros dispositivos, a adequação da linguagem aos grafemas em relação aos materiais didáticos disponibilizados ao aluno deve-se levar em consideração a dificuldade de manuseio do inglês ou do francês, pois a aula assíncrona, em que o aluno aprende sozinho com o material enviado pelo professor representa uma parte significativa do horas de trabalho.

Essas considerações são importantes para justificar nosso anseio de derrubar as barreiras ao ensino do árabe e estimular outros estudiosos a se intercalarem à tarefa de tornar essa língua mais visível no campo do aprendizado de línguas no Brasil. Considerando que as análises contraditórias são importantes no estudo da língua árabe (por ser uma língua tão longínqua do português; uma língua semítica, com um alfabeto não latino, cuja formação não é difundida no Brasil), além de somente ser ensinada em duas Universidades e em poucos centros de idiomas conhecidos, como já mencionado. Essas questões dificultam

ainda mais o trabalho dos estudiosos brasileiros desse idioma. A influência na tradução do árabe em relação ao copista português pode estar relacionada à perspectiva de Durão (1999), que estabelece que o interesse da linguística contrastiva está nos efeitos produzidos pelas diferenças e semelhanças entre a estrutura da língua materna e a língua-alvo, em aprender LE.

Embora os estudos árabes no Brasil sejam raros e enfrentem muitos obstáculos, é importante ressaltar a importância e abrangência da língua árabe, pois é falada em mais de 20 países, e a literatura e cultura árabe são de grande relevância. Para além disso, influi sobre outras culturas do mundo, e é a língua litúrgica dos muçulmanos ao redor do globo, pertencendo assim ao grupo dos idiomas mais falados no mundo, com cerca de 350 milhões de falantes.

No entanto, devido a diferentes sistemas alfabéticos e culturas distantes, a língua ainda permanece um "mistério" no mundo ocidental. O método de ensino é geralmente a língua árabe padrão moderno, que surgiu no final do século XVIII "com o crescimento da alfabetização o conceito de educação universal, a criação do jornalismo e a introdução de métodos e estilos de escrita ocidentais., contos, peças de teatro e romances" (RYDING, 2005, p. 4).

Ao falar de árabe e vinculá-lo ao português, também é necessário lidar com questões gramaticais. Nesse caso, é necessário considerar a estrutura relativa e abordar sua caracterização de forma mais abrangente, a fim de contribuir para a discussão da tradução do árabe ao português.

## **CAPÍTULO 2 – OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUAS**

Os gêneros textuais são classificados de acordo com as características comuns que os textos introduzem em relação à linguagem e ao conteúdo. Existem vários tipos de mensagens que levam a interações entre interlocutores (emissor e receptor) de um determinado discurso. Como exemplos inclui-se: resenhas de jornais, anúncios, receitas de bolos, cardápios de restaurantes, ingressos ou lista de compras. (DIANA, 2022)

É importante considerar o contexto, a função e o propósito. Isso ocorre porque um tipo de mensagem pode conter mais de um tipo de objetivo. Isso significa, por exemplo, que uma receita de bolo contém a lista de ingredientes necessários (texto descritivo) e o modo de preparo (texto obrigatório).

### **2.1. Tipos de gêneros textuais**

Cada mensagem tem uma linguagem e uma estrutura. Existem vários tipos de mensagens na categoria tipo de “mensagem”. Em outras palavras, um tipo de texto é uma estrutura de texto peculiar formada por um tipo de texto: narrativa, ensaio argumentativo, descrição e ordem de restrição. (DIANA, 2022)

#### **2.1.1. Texto narrativo**

O texto narrativo retrata as ações do personagem no tempo e no espaço. A estrutura da narrativa é dividida em: apresentação, desenvolvimento, clímax e final. São exemplos de tipos de texto narrativo:

- Romance
- Novela
- Crônica
- Contos de Fada
- Fábula



- Lendas

#### 2.1.2. Texto descritivo:

O texto descritivo refere-se às mensagens e divulgações de pessoas, objetos, lugares, eventos, etc. Assim, são asserções cheias de adjetivos que descrevem ou apresentam imagens da percepção sensorial do falante (emissor). São exemplos de textos descritivos:

- Diário
- Relatos (viagens, históricos, etc.)
- Biografia e autobiografia
- Notícia
- Currículo
- Listagem de compras
- Cardápio
- Classificados.

#### 2.1.3. Texto Dissertativo-Argumentativo

Os textos de tese são os responsáveis por revelar um tema ou assunto por meio de um argumento. Eles são marcados por defender pontos de vista enquanto tentam convencer o leitor. Sua estrutura textual é dividida em três partes: tese (representação), antítese (desenvolvimento), nova tese (conclusão). São exemplos de tipos de redação:

- Editorial Jornalístico
- Carta de opinião
- Resenha
- Artigo
- Ensaio
- Monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado

#### 2.1.4. Texto Expositivo

O texto expositivo é responsável por expor determinados conceitos utilizando fontes de dados, como definições, conceituações, informações, descrições e comparações. São exemplos de tipos de texto expositivo:

- Seminários
- Palestras
- Conferências
- Entrevistas
- Trabalhos acadêmicos
- Enciclopédia
- Verbetes de dicionários

#### 2.1.5. Texto Injuntivo

O texto injuntivo é aquele que indica uma ordem, de modo que o locutor (emissor) pretenda orientar e convencer o interlocutor (receptor). Conseqüentemente, representa o verbo na maioria dos casos no modo imperativo. São exemplos de um determinado tipo de mensagem:

- Propaganda
- Receita culinária
- Bula de remédio
- Manual de instruções
- Regulamento
- Textos prescritivos

#### 2.1.6. Gênero textual e ensino

Considerando que todos os textos sempre se manifestam em um ou outro gênero textual, um maior conhecimento da função dos gêneros textuais é importante tanto para a produção quanto para a compreensão. De certa forma, essa ideia básica está no cerne dos PCNs (Parâmetros do Currículo Nacional), quando sugerem que o trabalho sobre o texto deve ser feito por gênero, seja oral ou escrito. E esta é também a proposta central dos ensaios da coletânea reeditada pela Parábola Editorial (2010), Gêneros textuais & ensino, que pretende

mostrar como analisar e tratar alguns dos gêneros mais praticados nos diversos meios de comunicação.

As observações teóricas expostas não visam apenas elucidar conceitos, mas, também, apontaram as várias possibilidades de observação dos tipos de mensagens. É claro que não podemos abordar todos os problemas aqui, no entanto, é possível apontar alguns deles. Em particular, seria bom ter em mente a questão da relação entre oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais, pois, como sabemos, os gêneros se dividem nas duas modalidades em um continuum, do mais informal ao mais formal e em todos os contextos e situações da vida diária. Todavia, existem alguns gêneros que são recebidos apenas na forma falada, embora tenham sido originariamente produzidos na forma escrita, como notícias de televisor ou rádio. Ouvimos esta notícia, mas foi escrita e lida (oralmente) pelo locutor ou locutor. (MARCUSCHI, 2016, S. P.)

Assim, essa distinção é complexa e precisa ser esclarecida. Por isso, é preciso ter cuidado ao pensar em gêneros orais e escritos. Veja os casos de pontos de exclamação, novenas e litanias acima. Embora todos sejam escritos, seu uso em atividades religiosas é sempre oral. Ninguém reza por escrito, mas oralmente. É por isso que se diz que oramos. Não é que se escreve para deusas.

Tudo o que se está apontando aqui é o que se chama adequadamente de gêneros textuais. É um artefato linguístico concreto. As circunstâncias ou propriedades dos gêneros os tornam, como já se chegou, fenômenos muito diferentes e às vezes híbridos em forma e uso. Conseqüentemente, o tipo é uma forma de comunicação. Muitas vezes eles trabalham para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para uma reação específica. Têm um efeito clarividente e abrem caminho para a compreensão, como muito bem apontou Bakhtin (1997).

Frequentemente em situações verbais o interlocutor discutirá o tipo de mensagem que está criando ou deveria criar. (MARCUSCHI, 2016, S. P.) Esta é uma negociação tipológica. Como observou o linguista alemão Hugo Steger (1974), as designações oferecidas pelos falantes não são unitárias ou claras o suficiente, nem se baseiam em um critério geral para serem consistentes. Nesse contexto, a linguista alemã Elizabeth Gülich (1986) lembra que os interlocutores geralmente espionaram três critérios para rotular seus textos:

1. canais / canais de comunicação: (telefone, correio, telegrama);

2. critérios formais: (temas, controvérsias, acordos, protocolos, poemas);
3. características do conteúdo (Mook, título do livro, fórmula, formações de uso).

No entanto, isso não é suficiente para sugerir critérios para categorizar ou coletar todos os subtítulos. Para Douglas Biber (1988), por exemplo, os gêneros são geralmente determinados pelos objetivos dos falantes e pela natureza do assunto que está sendo abordado, portanto, é mais uma questão de uso do que de forma. Em suma, pode-se dizer que os tipos de mensagens dependem de critérios externos (social, comunicativa e discursiva) enquanto o tipo de mensagem é baseado em critérios internos (linguística e formal).

Elizabeth Gülich (1986) observa que as situações e contextos em que falantes ou escritores designam gêneros textuais são geralmente aqueles em que sua designação parece relevante para chamar a atenção para alguma norma vigente no caso. É por isso que algumas pessoas dizem: "Esta reunião não é brincadeira, mas deixe-me dizer-lhe para animar um pouco.". Ou escuta-se alguém dizer "Mais ou menos, não desconfiou de nada e conversou mesmo na hora de tomar uma ale.". Por outro lado, verifica-se que há casos de forma institucional que exigem a nomenclatura do gênero textual e suas regras de desenvolvimento desde o início. Trata-se de um caso de depoimento em que o juiz lê as regras e revela os direitos e deveres de cada pessoa. (MARCUSCHI, 2016, S. P.)

Consequentemente, contar piadas fora do lugar é um caso de inadequação ou violação de normas sociais em relação ao gênero do texto. Isso significa que não se trata apenas de produzir o gênero certo de música, mas também sobre o uso correto. Não se trata apenas de etiqueta social, mas de adequabilidade estereotipada, no que diz respeito à relação que deve existir na produção de cada gênero textual, entre os seguintes aspectos:

- A natureza da informação ou conteúdo fornecido;
- Nível de dialeto (formal, informal, dialeto, educado, etc.);
- O tipo de ambiente em que o tipo é colocado (público, privado, diário, solene, etc.);
- As relações entre os participantes (conhecidos, estranhos, nível social, formação, etc.);
- A natureza dos objetivos das atividades em desenvolvimento.

É provável que esta relação esteja sujeita a critérios de relativa rigidez devido às rotinas sociais existentes em cada contexto cultural e social, pelo que o não cumprimento destas pode causar problemas. Assim, em uma reunião de negócios, por exemplo, um empresário cantando o hino nacional seria considerado um estranho e possivelmente não confiável para uma parceria comercial. Ou alguém que, durante um culto e no meio de uma oração começasse a reclamar contra o padre ou o pastor não seria bem visto. Nesse sentido, os indicadores aqui coletados servem para identificar as condições de adequabilidade genérica na produção de gêneros, em particular os orais. (MARCUSCHI, 2016, S. P.)

Como os gêneros são independentes das escolhas individuais e não podem ser facilmente manipulados, eles funcionam como geradores de expectativas de compreensão recíproca. O tipo de texto não é fruto de invenção individual, mas é um modelo que desenvolve a sociedade na forma de comunicação. Essa também foi a posição central de Bakhtin (1997), que, como foi verificado, tratou os gêneros como atividades enunciativas "relativamente estáveis".

Na sala de aula em geral, e na sala de aula em particular, os gêneros podem ser tratados na perspectiva aqui analisada, levando os alunos a produzir ou analisar os mais diversos eventos linguísticos, tanto escritos quanto orais, identificando características de gênero em cada um. Este exercício não é apenas educativo, mas também pode ajudá-lo a praticar a escrita. Veja como seria produtivo colocar um jornal ou semanário nas mãos do aluno com a seguinte tarefa: "Identifique os gêneros textuais aqui presentes e diga quais são suas características centrais em termos de conteúdo, composição, estilo, nível linguístico e finalidades.". Fica claro que essa tarefa pode ser reformulada de várias maneiras, de acordo com os interesses de cada situação didática. Mas espere, por mais modesta que seja a análise, é sempre uma boa tendência. (MARCUSCHI, 2016, S. P.)

Pode-se dizer que trabalhar com gêneros textuais é uma excelente oportunidade para lidar com a linguagem em seus mais diversos usos autênticos no cotidiano e a experiência que será apresentada com o ensino do árabe por meio do uso do gênero folheto publicitário é uma evidência disso.

#### 2.1.7. A importância de ensinar através de um gênero textual.

No Brasil, por volta dos anos 80, Emília Ferreiro (uma importante psicolinguista argentina) publicou estudos e pesquisas sobre a psicogênese da lecto-escrita, o que tornou o ensino de português mais específico, porém mais amplo, demandando do professor uma diversidade de gêneros textuais. Indivíduos com temáticas históricas e conexões relacionadas à sua vida cultural e social, levando em consideração a realidade e respeitando a faixa etária e o nível de aprendizagem do indivíduo.

Até então, os alunos brasileiros alfabetizavam-se por meio de cartilhas, compostas por textos criados especificamente para o alfabetismo, com ênfase no alfabetismo por meio de códigos, independentemente dos contextos sociais. A mudança de paradigma no processo de alfabetismo levou ao surgimento do processo de alfabetização. Isso torna importante criar momentos de leitura e escrita significativos e agradáveis na sala de aula.

Em meados da década de 1990, quando abordados como centrais para o ensino de línguas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), os estudos de Bakhtin (1989), -- pensador russo que, no início do século XX, estudou língua e literatura, sendo um dos primeiros estudiosos a usar a palavra "gêneros" em um sentido mais amplo --, referindo-se também a textos que se usa em situações cotidianas de comunicação. Segundo o autor, os textos que se constrói, sejam orais ou escritos, apresentam um conjunto de características comparativamente estável. Essas qualidades compõem o que ele chama de vários gêneros discursivos. Para Bakhtin (1989), as atividades humanas são realizadas por meio de tipos concretos por meio do texto.

Os gêneros textuais respondem às necessidades de comunicação entre os indivíduos de diferentes formas, apresentando diferentes estilos e conteúdos temáticos. Tem-se exemplos de gêneros diversos: artigos, poemas, listas, cartas ao leitor, artigos de opinião, notícias, reportagens, charges, fitas, charges, artigos, resenhas, internet, blogs, e-mails, etc. Os gêneros textuais são infinitos porque as práticas sociocomunicativas são dinâmicas e variáveis.

Trabalhando com diferentes gêneros, o professor fomenta novas perspectivas sobre o processo de leitura, escrita e produção textual, a fim de que os alunos se tornem leitores e escritores capazes e críticos.

## **2.2. O gênero textual folheto publicitário**

Os folhetos como meio de comunicação pública existem há muito tempo, desde o advento da imprensa no século XVI. Na verdade, as primeiras impressões foram cartilhas curtas contendo informações limitadas sobre diferentes tópicos. Assim, o vocábulo aviso há muito se refere a objetos impressos destinados a notificar o público. Na verdade, passou a ser usado principalmente para anunciar produtos e serviços (pessoas que os distribuem na rua. Mas os folhetos também servem, por exemplo, para divulgar os candidatos de políticos e partidos políticos durante as eleições (ARMAZÉM DE TEXTOS, 2020, s. p.).

### **2.2.1. Folheto: definição e características.**

Uma brochura é uma forma de divulgar uma ideia de marca, produto ou serviço que é feita em papel. Trata-se de um formulário impresso com várias folhas, em regra, conteúdo informativo ou publicitário. Atinge um grande número de pessoas a um preço acessível, apresentando uma excelente relação custo-benefício. É o meio ideal para expressar ideias ou divulgar produtos, serviços e promoções, numa altura de grande concorrência e competitividade, mas também de consumidores cada vez mais exigentes e com menos tempo. Consequentemente, o primeiro passo para as empresas entrarem na concorrência e venderem seus produtos ou serviços é apresentar as pessoas a elas, e uma das ferramentas para notificar sobre isso é o flyer (ARMAZÉM DE TEXTOS, 2020, s. p), levando em consideração os interesses do público-alvo do anunciante. Exemplo: As brochuras turísticas são brochuras destinadas a informar a parte da população que enquete pontos turísticos e comprar viagens. São textos leves e cativantes, na maioria acompanhados de imagens interessantes, que podem estimular a decisão por uma determinada viagem. Ele também inclui imagens, cores brilhantes, subtítulos, texto grande e atraente e diagramas fáceis de entender. Não é muito grande nem muito pequeno (formato A3 ou A4) e tem um recurso de dobra para que os leitores possam encontrar mais informações.

Os folhetos diferem em termos de design, quantidade de informações, etc., mas têm o objetivo de chamar a atenção das pessoas e difundir algumas ideias básicas sobre o tópico específico que está sendo discutido. (ARMAZÉM DE TEXTOS, 2020, s. p)

### 2.2.2. A relação gênero textual folheto publicitário e o ensino

Hoje a presença da mídia no cotidiano das pessoas está aumentando significativamente. O mundo que sempre esteve em constante mudança, atualmente, graças ao desenvolvimento das tecnologias, multiplicou em muito a velocidade dessas mudanças" (BACCEGA, 2004, p. 126). Deste avanço na tecnologia surgem novas oportunidades de comunicação e informação como resultado de novos canais de comunicação que parecem ser mais fáceis. Esse acesso à informação por meio novas tecnologias atrapalha o comportamento de quem convive com essa realidade.

Ao refletirmos sobre a dinâmica de um mundo rotulado como “digital”, devemos considerar o surgimento de novas relações socioculturais, principalmente para os nascidos nesse “mundo digitalizado”. Segundo Freire Filha e Entendemos (2008, p. 16): As pessoas nascidas após meados da década de 1980 usam minicomputadores, internet e telefones celulares para diversos fins (entretenimento, informação, educação, comunicação, consumo, formação de personalidade e identidade social, redes).

A íntima relação desses indivíduos com a tecnologia da comunicação e da informação oferece uma nova perspectiva de estudo aos pesquisadores que atuam nas mais diversas áreas do conhecimento. Neste ponto, entendemos como o campo da educação e da comunicação têm respondido às mudanças trazidas pela intensificação do desenvolvimento tecnológico, e, principalmente, do desenvolvimento das tecnologias da informação.

A criação de novas tecnologias possibilitou que múltiplos canais de comunicação, jornais, televisão e rádio possam distribuir informações que vêm sendo atualizadas por novos meios de comunicação, como a internet. O advento do ciberespaço facilitou o acesso à informação, mas a essência da mídia permaneceu, eles continuam a escolher "o que devemos saber, os temas a discutir e ainda mais, o ponto de vista a partir do qual compreendemos esses temas" (BACCEGA, 2004, p. 123). Configuram-se essencialmente como grandes influenciadores do discurso individual e coletivo. Com a internet e o fácil acesso à informação a seleção de conteúdos a consumir tornou-se mais difícil (e necessária) e, assim, a criticidade em relação ao consumo midiático adquiriu um caráter essencial.

Uma das ideias centrais da comunicação educacional enfatiza a necessidade de moldar criticamente a perspectiva do destinatário. Segundo Gaia (2001, p.15) “a educação visa educar



criticamente na leitura da mídia” e, nesse ponto, está comprometida com a escola, pois é nela que se supõe que o indivíduo adquirir instrumentos capazes de fazê-lo olhar criticamente o mundo, tornando-o assim um cidadão ativo, que exerce seus direitos e deveres para com a sociedade em que participa.

No Brasil, o campo de estudos que reunia as áreas de Educação e Comunicação surgiu na Universidade de São Paulo, em 1996. Neste ano, nasceu o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), que reúne pesquisadores que lidam com as questões que envolvem as áreas. Segundo Soares (2005, p. 111), coordenador geral do NCE, o núcleo considera que "nenhuma educação pode ser realizada, no mundo contemporâneo, fora dos espaços de mediação cultural, em que os processos e os meios de comunicação desempenham um papel fundamental.”

A compreensão do conceito de integração das áreas de comunicação e educação para este trabalho utiliza a visão do NCE à luz de seu pioneirismo e compromisso com a área de estudos de educação e comunicação.

Assim, por meio da pesquisa o termo “comunicação de aprendizagem” é entendido como um conceito que propõe romper a hierarquia de distribuição do conhecimento e estabelecer um ecossistema de comunicação aberto, interativo e criativo no campo da educação devido à percepção de que todos os envolvidos no fluxo de informação são produtores de cultura, independentemente de seu papel operacional na escola.

### 2.2.3 O gênero textual folheto e sua influência no ensino da língua árabe.

O ensino de gêneros textuais deve ser feito em progressão, isto é, a aprendizagem deve ser vista como um processo espiralado de apreensão em que o novo se edifica transformando o que já existe (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004). O indivíduo utiliza o conhecimento já dominado como base para expandi-lo e transformá-lo, do mais simples ao mais complexo, de acordo com seu nível. Além disso, as características dos gêneros textuais devem ser analisadas, como intencionalidade específica, plasticidade com possibilidade de intertextualidade intergenérica (MARCUSCHI, 2002), finalidade, público-alvo, etc.

Uma opção que os professores podem usar em sala de aula para aumentar o interesse pela leitura e ampliar o conteúdo ensinado a alunos de língua árabe é apoiar o uso de panfletos.

Este gênero foi escolhido devido à sua linguagem clara e objetiva e ao fato de ter um público-alvo amplo. Especificamente, podemos tratar da leitura e fazer levantamento de vocabulários como manhã صَبَاحٌ /saba:h/ , dia da semana - terça-feira انْتَاءُ اَنْث /athula:tha"/, ano اَنْسٌ / sana/ , diário فَوَيْي نِي / jawmi:a/ , os numerais, dentre outros. Como tarefa, pode-se pedir, a princípio, que os alunos criem assuntos e em um nível mais avançado, criem títulos e subtítulos de notícias a partir de figuras de jornais que foram mostrados a eles, ou seja, qual título cada aluno criaria para certa figura.

Há também a possibilidade de comparar a estrutura do árabe padrão com a do árabe falado, neste exemplo árabe egípcio. Além do efeito semântico das frases serão exibidos sinais egípcios associados a determinados contextos. O tipo de folheto geralmente oferece um discurso publicitário que atinge um público mais amplo. Atualmente, os cursos utilizam essa modalidade para transmitir e apresentar novas propostas de métodos e realizações.

Na vida social, e não apenas na sala de aula, o aluno deve ser capaz de reconhecer como a linguagem se organiza para produzir determinados efeitos de sentido. Consequentemente, é desejável saber apreciar esteticamente o som de uma música ouvida no rádio, os efeitos semânticos de uma frase lida em um panfleto nas entrelinhas de um anúncio em uma revista, etc. (BRASIL, 2002, p.65)

Os folhetos são ideais para mensagens simples, claras e concretas como adereços. Eles podem mostrar produtos e vender ideias, e também podem funcionar como um meio primário, sem a necessidade de outros meios de comunicação.

Pela sua versatilidade e capacidade de convencer o leitor, uma mensagem pode chegar a toda uma população que transita na rua de pessoas de diferentes níveis culturais. É costume usar normas culturais de linguagem. O folheto é mais do que um grande texto, porque, além de fornecer informações sobre um produto ou uma ideia a ser vendida/informada, tenta sedimentar ou modificar ideias, sentimentos e pensamentos através do poder da linguagem. Seu objetivo como meio é usar estratégias argumentativas que permitam que o público-alvo se sinta parte da mensagem.

Consequentemente, sua composição deve levar em conta as circunstâncias em que o discurso ocorre, no caso de panfletos publicitários. Para exibir problemas de aprendizagem em ordem de tipo podem selecionar três categorias: Itens de Supermercado / Compra, Menus e Receitas.

A ordem escolhida deve-se ao nível de conhecimento linguístico dos alunos e ao nível de dificuldade estrutural da língua árabe.

### **CAPÍTULO 3 – UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE LÍNGUA ÁRABE POR MEIO DO GÊNERO FOLHETO**

Nesta seção, apresentarei o texto usando a primeira pessoa, para lidar com as informações de forma mais pessoal, já que se trata de minha experiência com o ensino a qual ora apresento.

O tema dessa pesquisa surgiu com o objetivo de unir o conhecimento da minha primeira graduação, Publicidade e Propaganda, com a atual, Licenciatura em Letras Português-Árabe.

Durante o curso de Letras, as matérias de Árabe foram desafiadoras. No quarto período, 2016.2, me tornei monitora, permanecendo nesse cargo até o sexto período, 2017.2. Como monitora, percebia dificuldade para explicar a língua Árabe nos encontros de monitoria, pois o foco nas aulas da graduação sempre envolvia estrutura gramatical e aquisição de vocabulário, e quando o aluno solicitava ajuda, era para sanar dúvidas sobre esses aspectos. No sétimo período, 2018.1 iniciei a Prática de Ensino. Tive que estagiar em uma escola. Lá, atuava nas aulas de língua portuguesa, porém, me deparei com o ensino de gêneros textuais e pude perceber a importância dessa ferramenta pedagógica, e que o

ensino de gêneros textuais faz parte das reflexões teóricas publicadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Ainda no sétimo período, 2018.1, fui inscrita na matéria de Iniciação de Pesquisa em Letras Orientais e Eslavas I com a Professora Doutora Bianca Graziela Souza Gomes da Silva, que é a minha orientadora nesta pesquisa. O tema desse trabalho surgiu porque queria unir a minha primeira graduação, Publicidade e Propaganda com a atual. Foi pensado então no gênero textual publicitário. Fomos analisar os livros didáticos utilizados para ensino da Língua árabe a fim de fazer um levantamento desse conteúdo no material didático e percebemos a escassez de gênero textual. Os livros didáticos para o ensino da língua árabe geralmente estão relacionados com práticas que se utilizam de texto como pretexto para conversação e ensino de gramática, e uma outra parte para o ensino da língua árabe, não faz uso de gêneros variados. Os gêneros textuais mais encontrados eram: receita culinária e artigos de jornal. Naquela ocasião, a professora, Doutora Bianca, havia voltado de uma viagem ao Egito, e de lá adquiriu inúmeros folhetos publicitários.

A pesquisa tem por objetivo testar a eficácia dos textos pertencentes ao gênero folheto publicitário como complemento do livro didático adotado, através de uma estratégia do ensino aprendizagem da língua árabe, contemplando o (s) primeiro (s) ano (o) de ensino da língua árabe e pode contribuir para a exposição dos alunos a riqueza cultural e a linguagem que o folheto possa vir a vincular, ou seja, transmite uma pluralidade tanto linguística quanto cultural e temporal (a data dos textos) que raramente encontramos em livros didáticos, devido às limitações de publicação.

Nossa pesquisa se justifica se levarmos em consideração que agimos por meio da linguagem e que todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, passam por uma estrutura denominada gênero. O folheto publicitário é um gênero textual de categoria multimodal, pois combina múltiplos conteúdos. No caso do objeto de estudo são os aspectos verbais e visuais.

Os gêneros textuais, no geral, são ferramentas pedagógicas que ajudam no desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita, não só nas aulas de língua materna, como também, nas aulas de língua estrangeira. No mundo multi-midiático no qual vivemos,

somos expostos todo o tempo a vários gêneros textuais, (seja no “mundo real” ou no “mundo virtual”). Além de apresentar questões puramente gramaticais, o professor pode dispor em utilizar esse material para analisar os textos verbais e os não verbais, as expressões idiomáticas, a leitura e compreensão dos enunciados presente no tipo de gênero textual publicitário, e, com isso, propor ao aluno possíveis interpretações referentes a estes gêneros.

Outro motivo para a escolha desse gênero textual, o folheto publicitário, é a sua autenticidade, pois trata-se de um texto, real, rico em aspectos sociais, históricas e culturais, que possibilita a exploração no que diz respeito a aspecto linguístico, como, por exemplo, o acréscimo e desenvolvimento do vocabulário, o estudo da sintaxe, como também a compreensão das ambiguidades, veiculadas por meio do encontro entre texto verbal e visual e ainda insere o aluno no contato do cotidiano da língua alvo, ou seja, nas diferentes esferas sociais.

O trabalho iniciou com as escolhas dos folhetos publicitários que a professora havia trazido de sua última viagem ao Egito, um material autêntico, de suma importância, pois foi extraído da linguagem real, atual (para a época), produzido por um falante ou autor real, para um público real e transmitida uma mensagem real. Isso faz com que esse texto autêntico sirva de instrumento para o ensino-aprendizagem, por ser um material “flexível”, que pode ser aplicado para qualquer nível, dependendo do propósito que o professor tenha. Claire Kramsch (1994, *in* HANNA 2012:61) diz “que a autenticidade não está no texto em si, mas nos usos que os falantes e leitores fazem dele”. Restringimos a pesquisa para o (s) aluno (s) do (s) primeiro (s) ano (o) de ensino da língua árabe, pois, seria um material relevante, visto que, em muitos deles, a linguagem utilizada privilegia estruturas mais simples, com frases curtas e vocabulário corrente. A linguagem verbal e a não verbal soma-se a isso. O uso de estrangeirismos que, no caso do árabe, vai facilitar a leitura do estudante em fase de alfabetização e, assim, desenvolver a habilidade de compreensão escrita, e além do contato recorrente, os alunos podem observar e trabalhar a língua estrangeira em seu uso cotidiano, fugindo assim de certos formalismos.

Figura 1 - Os folhetos.

**مع قبلي كنترول**  
**وقف فاتورتك عند حدها**  
 انضم مع فاتورتك وانلحم **500 دقيقة** محلي ومحافظات

**15 جنيه في الشهر**

المصرية للاتصالات **te**  
 بداية جديدة

**قبلي كنترول**

استمتع بـ **500 دقيقة مجانية شهرياً (محلي ومحافظات)** وانضم في استهلاك الخط الأرضي مقابل ما يقبليه شهرياً تدفع مقدماً. غير شاملة الضريبة

- الاشتراك في قبلي كنترول شامل الاشتراك الشهري للخط الأرضي.
- في حالة انتهاء الدقائق المجانية لن تتمكن من إجراء أي نوع من أنواع المكالمات فيما عدا المكالمات الطوارئ (112 / 180 / 113) أو يمكن شحن عروت مرشحاً لإجراء أي مكالمات أخرى (محلي، محافظات، محمول، دولي...) حيث سيتم إغلاق الخط، وذلك حتى موعد تجديد الباقة.
- لن يتم تحميل الدقائق غير المستحقة خلال الشهر إلى الشهر التالي.
- تدفع قيمة الاشتراك شهرياً أو ربع سنوياً بناءً على رغبتك.
- للاشتراك في باقة قبلي كنترول، يمكنك التوجه إلى السنترل التابع لرقم أو أحد مراكز خدمة العملاء، أو الاتصال بـ 111.
- في حالة نقل تليفون المحمول من مكان لآخر، يتم نقل الخدمة إذا توافرت الإمكانيات الفنية.
- هذا المنتج متاح لعملاء الخط المنزلي بمحافظة الوجه القبلي فقط.

O folheto da imagem um é o anúncio de uma empresa de telefonia, a Telecom Egypt, que anuncia 500 minutos grátis por mês em ligações locais e provinciais. Oferece um plano controle fixo podendo ser pago mensal ou trimestral. Na primeira parte, tem um número 15 que está escrito em árabe, com a seguinte informação: “15 libras no mês”. Na outra parte há uma descrição do plano. Neste folheto os alunos identificaram números, preposições, pronomes demonstrativos, as palavras “minuto”, “apenas” e outras, além de encontrar transliteração ou algum verbo aprendido em sala de aula, etc.

Figura 2

**365\* عالم عروض كنترول فليكس**

كنترول فليكس عمل أخير عالم عروض في مصر.

دلو فني كل ما تطلب #365\* هيجيك عرض مختلف من فودافون؛ عروض على الفليكسات أو عروض من أكبر المطاعم ومكاتب الملابس في مصر ومجاناً تالية كثير.

ميش بس كدة، دلو فني لما تشترك في أي عرض من #365\* هيجيك جزء من كلمة في رسالة ولما تكمل الكلمة دي هتخسب هديتك من غير ما تدفع ولا ملهم.

الهدايا المجانية كثيرة بتخلصين، ممكن تخسب تلفونات، تابلتس وجبات من كوك دور أو برجر كنج أو دومينو بيتزا أو 1000 فليكس.

كمان هتقدر تتابع أجزاء الكلمات أو تبدلها مع غيرك من خلال الكود ده #365+1- بيلاش.

**الشروط والأحكام:**

- الاتصال بعالم عروض كنترول فليكس #365\* بيلاش.
- الحد الأقصى للعروض اليومية 10 عروض لما تطلب #365\* .
- صلاحية أي جزء من أي كلمة شهر.
- صلاحية أي كلمة هتجمعها أسبوع.
- الهدايا المجانية سارية لفترة محدودة.

كنترول فليكس .. عالم تاني بين ايديك

خطوط الشبكات والأحكام  
Vodafone.eg أو زور كلمة 10

O folheto da imagem 2 é sobre uma promoção que uma empresa de telefonia oferece ao seu cliente: um plano controle. Quem assinasse receberia umas palavras por mensagem e concorria a prêmios, como tablets, telefone, refeições em casa e cupons para comer no Burger King ou Domino 's. Neste caso, os alunos puderam identificar números, preposições, pronomes demonstrativos, a palavra “maior”, encontrar transliteração como “tablet”, “telefone”, “Burger King” e etc.

Figura 3 -

**9 قرش للدقيقة**

**الغالي يرخصك كلم أمريكا وكندا وأوروبا بأرخص سعر للدقيقة**

**لكل عملاء الشركة المصرية للاتصالات كلم كندا وأمريكا وأوروبا واستمتع بالمكالمات الدولية مع أقوى شبكة وبأقل سعر 9 قرش للدقيقة**

- فقط ادخل كود 101 متنوعاً بالرقم الدولي المراد الإتصال به.
- استمتع بالخدمة من 11 مساءً وحتى 6:59 صباحاً.
- الخدمة سارية منذ الإتصال الدولي بأرقام الهواتف المحمولة والخطوط الأرضية في كندا وأمريكا، وعند الإتصال الدولي بأرقام الخطوط الأرضية فقط في أوروبا.
- يمكنك الإستمتاع في هذه الخدمة أو إلغاؤها من طريق الاتصال بر 101 أو الذهاب إلى السنترال التابع لك.

تبدأ جديدة... **teo** المصرية للاتصالات

O folheto de imagem 3 é o anúncio da empresa telecom Egypt, que divulga na página oficial do Facebook um novo serviço de chamada internacional. Nessa propaganda, o produto de ligações internacionais está sendo oferecido com um preço mais baixo em ligações feitas para América, Canadá e Europa.

Figura 4 -



No folheto da imagem 4, nota-se que a propaganda é algo sobre como adquirir a casa própria. Embaixo da chave está escrito "crédito imobiliário. Casa... abrigue-se nela". Já na



outra parte estão marcadas as vantagens com: “– taxa excepcional de deficiência, - empréstimo até 3 milhões de libras, - prazo de reembolso de empréstimo de até 10, - a porcentagem de financiamento chega a 90% do valor da unidade residencial, - uma apólice de seguro gratuita durante o prazo do empréstimo, - múltiplos programas de financiamento adequado para todos, - termos e condições aplicáveis.” O objetivo desse folheto era que os alunos encontrassem as palavras “casa”, “banco”, “Egito”, as preposições, as estruturas de “idafa”, os números e qual era a mensagem que o folheto transmitia.

Desejamos verificar se os estudantes conseguiram identificar nos textos as estruturas oracionais que já haviam aprendido, a fim de testar a eficácia desse material como complemento do livro didático adotado para o estudo da língua. Foi pensado em uma atividade para os alunos que já estavam estudando árabe há um semestre. A atividade consistiu em analisar os folhetos, e em seguida responder a um questionário escrito no quadro, o qual continha as seguintes perguntas:

1. Você conseguiu identificar alguma palavra? Qual (is)?
2. Quais palavras possuem o artigo? Essas palavras contêm letras lunares ou solares?
3. Qual outra característica gramatical você reconhece neste folheto?
4. Teve alguma letra do alfabeto árabe que você não conseguiu identificar? Circule.
5. Existe alguma palavra estrangeira?
6. Mesmo não entendendo todas as palavras, você consegue entender o conceito que a propaganda está transmitindo?
7. Quais tipos de pronome você encontrou? Escreva.
8. Os textos publicitários são desenvolvidos e criados com o objetivo de anunciar algum produto ou serviço e/ou convencer os leitores. Você conseguiu identificar esses objetivos no texto?

Observa algumas respostas que obtivemos:

١- البيت  
 ٢- جميع العقاري  
 ٣- مليم - ال - الي - ع  
 ٤- م - ٥ - ٥  
 ٥- Domino's  
 ٦- Simy Publicidad  
 ٧- ناس  
 ٨- Anuncio de venta de casas  
 اسمي - مارييا لياينا

1. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 2. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 3. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 4. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 5. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 6. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 7. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 8. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 9. Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave

Matemáticas / Arabic II

١- كالم أمريكا  
 ٢- مصر  
 ٣- أوروبا  
 ٤- أمريكا  
 ٥- أمريكا  
 ٦- أمريكا  
 ٧- أمريكا  
 ٨- أمريكا  
 ٩- أمريكا

التحويل  
 العقاري  
 البيت  
 الجميع

$\Sigma$  - Participle de Adjectivo  $\rightarrow X + X X$   
 $I^o$  = acusativo ACUSATIVO LOCUTIVO MINUSCULO  
 $La$   $La$

فتوحا فوان  $\rightarrow$  ف - ف  
 7 - دو سينوز  
 كنفول

V - Simy, casa, televisión, central, demandado, más del por palabras clave  
 A - más del por palabras clave  
 P - Palabras clave e imágenes e imágenes clave

يو ليو سينوز  
 ١- لا  
 ٢- كلمة  
 ٣- كنفول  
 ٤- نكل  
 ٥- مضر  
 ٦- بنك  
 ٧- ٣  
 ٨- ٣٦٥  
 ٩- ١٥  
 ١٠- فون  
 ١١- مكن

البيت  
 كل  
 الي  
 ٧٩  
 ٣  
 ٣٦٥  
 كنفول (ADJ)  
 مكن (ADJ)  
 ص

O intuito dessa atividade era:

- A) Estimular a leitura, uma vez que, os mesmos já haviam sido alfabetizados, e através dessa leitura os estudantes pudessem achar estrangeirismos;
- B) Analisar se os alunos ainda encontravam dificuldades com a grafia da língua alvo;
- C) Identificar o vocabulário e os pontos gramaticais dados em aulas passadas e se foram mesmo aprendidos. Os alunos foram instigados a observar os detalhes de cada folheto, para assim não apenas traduzir o material, mas também desenvolver a compreensão do gênero, tentando observar o que o folheto estava informando através do visual.

O resultado da atividade foi produtivo, uma vez que, os discentes conseguiram identificar as palavras que haviam aprendido durante o semestre, como os exemplos: casa, banco, morar e outras. Os alunos chegaram a comentar criticamente sobre as fontes escolhidas pelos autores, o tamanho da letra no folheto. Em alguns, o estilo tinha traços mais confusos, o que dificultava o entendimento da leitura. Na atividade, observamos uma grande atenção dada aos alunos para este gênero textual, devido à maior facilidade de assimilação do enunciado, além de todo o aspecto verbal e não-verbal envolvidos. Todos os estudantes relataram gostar desse tipo de atividade, pois os folhetos os ajudaram a discutir e rever vários pontos já estudados.

O resultado comprova o uso do material “folheto” com um texto adequado para auxiliar no ensino-aprendizagem do árabe a estudantes do primeiro ano de graduação, pelo fato de ser um texto pequeno, com vocabulário simples, e que é capaz de auxiliar no ensino mesmo antes de conhecimento linguístico dos alunos ser considerado avançado para ler e traduzir.

Ao se trabalhar com o folheto, propiciam não apenas uma “fuga” do tradicionalismo, ou mera tradução pela tradução, mas também a possibilidade de os alunos desenvolverem leituras em relação a estes gêneros, tão visuais e comuns em nosso cotidiano, tendo em vista o grande número de anúncios aos quais estamos expostos. Além disso, pontuamos a interação da turma na troca de folhetos entre os colegas, consultas e diversão.

Considerando a importância de um ensino voltado para o desenvolvimento/aprimoramento da oralidade e da escrita dos estudantes de língua estrangeira, buscamos uma experiência de ensino-aprendizagem, com um maior contato com a língua alvo, nas diferentes esferas sociais, usando um material autêntico, para que os alunos dos primeiros períodos da Graduação da Faculdade de Letras se perceberem capazes de ler um material além dos livros que usa.

O experimento está apresentado, resumidamente, nas etapas a seguir:

Distribuição dos folhetos para que os alunos analisassem e respondessem algumas questões.

- Mostrar os folhetos

Próxima etapa – Proposta de atividades:

- Discutir a estrutura de um folheto.
- Estimular a produção de um folheto em língua árabe.

Com essa apresentação, encerramos a etapa e, em seguida, refletimos sobre o ensino-aprendizagem do árabe por meio de gêneros textuais, em particular, o folheto publicitário. A partir dessa experiência, o presente trabalho, que ora concluímos, é formado. Não foi possível encerrar o assunto sobre o ensino com os gêneros, mas, certamente, trata-se de uma reflexão que pode gerar outras ideias e até planos de aula para a prática de se ensinar esse idioma, o árabe, complexo e estimulante, desafiador e empolgante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aquisição de uma língua estrangeira não está apenas no estudo da fonologia, morfologia, sintaxe ou semântica de uma língua. Deve perpassar também as suas normas socioculturais e o estudo de textos autênticos que colaboram nessa aprendizagem e preparam melhor os alunos para compreender os demais aspectos citados.

Neste trabalho, consideramos a linguagem como um fenômeno de interação social realizado por meio de gêneros textuais, porque são vistos como instrumentos construtores e reguladores das convenções sociais e linguísticas. Conseqüentemente, com esta reflexão, aguardamos que este material sirva de incentivo para que estudiosos e professores que lidam com a língua árabe no futuro reflitam mais profundamente sobre a questão dos gêneros textuais no estudo dessa língua e seu ensino em sala de aula. Há muito a ser feito nessa área, principalmente porque é um tema comparativamente novo, em termos de ensino de árabe, e que ainda precisa de muita pesquisa.

A abordagem teórica feita por diversos autores, como Bakhtin, Schneuwly & Dolz, Bronckart e Marcuschi deu base para as reflexões no trabalho, no âmbito da noção de gênero, pois visa abrir uma dialética entre os interlocutores e as formas escrita e oral do idioma. A partir da análise do material, pode-se perceber que, mesmo gêneros escritos podem ter signos de fala, como o outdoor, e esse gênero pode ser utilizado como uma tipologia que se refere aos dois jeitos de linguagem em termos de sua objetividade e fácil compreensão, que muitas vezes atinge um grande público. Além disso, as estratégias discursiva-interativas encontradas nos textos são exemplos de estruturas muito próximas das conversas naturais ou espontâneas.

Concluimos essa etapa, considerando a importância do estudo dos gêneros, a relevância da pesquisa em sala de aula e a necessidade da constante reflexão sobre o ensino-aprendizagem desse idioma, o árabe, no qual, as dificuldades se tornam objeto de estudo, pesquisa e reflexão.

## BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Nathália de Souza. O ensino da Língua Árabe por meio de gêneros textuais. Monografia final de Graduação, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2015.

ARMAZÉM DE TEXTOS. Folheto – Gênero Textual. 2020. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/11/folheto-genero-textual-com-atividades.html>. Acesso em 22 de set. 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Estética da criação verbal. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CAMILA. Razões didáticas para fazer aula da Língua das arábias. 19/11/2018. Disponível em: <https://www.superprof.com.br/blog/motivos-educacionais-assimilar-idioma-arabico/>. Acesso em 20 de set. 2022.

DIANA, Daniela. Gêneros Textuais. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/generos-textuais/#:~:text=Em%20outras%20palavras%2C%20g%C3%AAneros%20textuais,%2Dargumentativo%2C%20expositivo%20e%20injuntivo.> Acesso em 20 de set. 2022.

Encyclopedia Britannica, Inc. Arabic alphabet. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Arabic-alphabet>. Acesso em 20 de set. 2022.

ECS, Sinop/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 107-122, jan./jun. 2015 [http://portal.mec.gov.br/Parâmetros Curriculares Nacionais](http://portal.mec.gov.br/Parâmetros%20Curriculares%20Nacionais)

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

HANNA, Vera Lucia H. Línguas estrangeiras: O ensino em um contexto cultural. São Paulo, Editora Mackenzie, 2012.

MARCUSCHI, Luís Antônio. É possível praticar o trabalho com gêneros textuais em sala de aula?. 2016. Disponível em: <https://parabolablog.com.br/index.php/fr/blogs/generos-textuais-e-ensino-1>. Acesso em 19 de set. 2022.

MEURER, J. L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. (Org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

PEREZ, Luana Castro Alves. "Gêneros textuais"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/conceito-generos-textuais.htm>>. Acesso em 14 de dezembro de 2016.

RYDING, Karin C. A Reference Grammar of modern standard arabic 2005.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. Hipernodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUSA, Rainer Gonçalves. A Língua árabe - História da Língua árabe. 2020. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/arabe/a-lingua-arabe.htm>. Acesso em 20 de set. 2022.

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. Apontamentos para uma edição semidiplomática em Aljamia Portuguesa. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2006.

VARGENS, João B.; CAFFARO, Paula C. Arabismo - Um tema e suas representações no Brasil e em Portugal. Rio Bonito (RJ): Almedina, 2010.

\_\_\_\_\_ <http://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>

«Arabic Alphabet». Encyclopedia Britannica online. <https://www.britannica.com/topic/alphabet-writing/Arabic-alphabet> Acesso em 19. Set.2020.

Bringhurst, Robert (2006). A Forma Slida da Linguagem. São Paulo: Rosari. pp. 71–72. ISBN 85-88343-44-

Gêneros textuais & ensino, Dionísio, Machado e Bezerra [2010], pp 34-37

Author, Douglas Biber ; Edition, illustrated, reprint ; Publisher, Cambridge University Press, 1988 ; ISBN, 0521320712, 9780521320719 ; Length, 299 pages.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: apontamentos para discussão. In: Comunicação, Mídia e Consumo. V. 1, n. 2, p.119-138, 2004. Disponível em: [http://ppgcom.espm.br/blog/?page\\_id=87](http://ppgcom.espm.br/blog/?page_id=87) Acesso em 19. Set.2020.